

# O TEXTO NO CIBERESPAÇO: A QUESTÃO DOS LINKS E A ENUNCIACÃO<sup>1</sup>

Claudia Freitas Reis\*

**Resumo:** Neste artigo apresentamos algumas questões relativas ao funcionamento do texto na Internet sob um olhar enunciativo. Discorreremos sobre a noção de texto e textualidade segundo a perspectiva da Semântica do Acontecimento, dando relevo ao tratamento do link, ao esquema de linkagem, tão próprio da textualidade no ciberespaço, propondo alguns deslocamentos para pensar neste funcionamento articulado à forma como tratamos a enumeração.

**Abstract:** This article presents some issues relating to the operation of the text on the Internet under an enunciatively perspective. We will discuss the notion of text and textuality from the perspective of the Semantics of the Event, giving evidence to the treatment of the link, the linking scheme, as textuality of itself in cyberspace, proposing some shifts to think in that operation along with the way we treat the enumeration.

Há uma configuração textual dos *websites* que nos parece importante considerar e que será objeto deste texto, já que trazem consequências importantes para o estudo de designação que propomos. Assim, apresentamos aqui uma reflexão sobre a forma como o texto se configura na *web*, com maior atenção para o que chamaremos de “esquema de *linkagem*”, procurando estabelecer as relações pertinentes entre esta configuração e a forma como conceituamos um texto. Neste sentido, trabalharemos com a teorização proposta por Guimarães (2002, 2011) em torno do tratamento enunciativo do texto, mais especificamente sobre o funcionamento enunciativo da enumeração, e a formulação sobre o que seja um *link* em textos que tratam do ciberespaço.

## 1. O *hiperlink* e o *hipertexto*.

As indagações que apresentamos neste trabalho estão diretamente atreladas ao nosso trabalho de doutoramento (REIS, 2015) quando lançamos a pergunta: *qual o sentido da palavra língua no site da UNESCO?* O percurso que escolhemos para delimitar as possíveis respostas a esta pergunta nos colocou diante da problemática do funcionamento do texto na Internet. Uma primeira questão, estava relacionada à necessidade ou não de deslocamentos teóricos para tratar do texto, ou seja, estávamos tomados por uma série de questões: o texto na Internet é igual ao texto do livro impresso<sup>2</sup>? Um texto é sempre o mesmo independentemente de onde circula? Haveria, de fato, grandes diferenças se os textos estivessem publicados em outro meio e não no *site* da UNESCO?

Na materialidade do que se apresenta quando um texto está na Internet há uma forma de articulação importante em sua tessitura: os *links*<sup>3</sup> e como estes fazem funcionar a hipertextualidade. É justamente sobre esta questão que nos debruçaremos neste momento a fim de iniciarmos um caminho que nos leve a produzir uma articulação teórica para tratar esta questão na relação com a produção de sentido no acontecimento.

Não há como tratar do *hipertexto* sem esmiuçarmos a noção de *link*. O *link* ou *hiperlink* é uma ligação que se estabelece entre partes de um mesmo texto ou entre um texto e um conteúdo externo a ele. No caso da interface *www*, é uma ligação que se estabelece entre o documento de uma página com uma outra página ou endereço na *web*. Na verdade, os *links* são programas que ao serem acionados fazem funcionar páginas que estão disponíveis na rede. Desta forma, os *links* são a base para o que chamaremos de *hipertexto*.

A primeira referência a esta teia de textos que posteriormente será nomeada de *hipertexto*, foi feita por Vannevar Bush em 1945 no texto “As we may think”<sup>4</sup>. De acordo com Cruz (2015), Bush dirige sua atenção:

[...] aos instrumentos de registro e transmissão de informação, que ele considera estarem entre os principais desafios para os

cientistas - como ler e entender tantos artigos e relatórios e acessar tantas informações e ali selecionar o que é relevante. Os instrumentos aos quais estava acostumado eram papel, lápis e fichários. (CRUZ, 2015, p. 11)

A preocupação de Bush estava centrada na assimetria entre a produção de conhecimento e a forma como isto era acessível às pessoas. Inspirado na forma supostamente desordenada do funcionamento dos processos cognitivos de memorização, que segundo o autor seriam realizados por associações, Bush propõe o Memex (*Memory Extension*), instigado pela pretensão de reunir em um aparelho as informações que foram sendo elaboradas pela humanidade no decorrer de sua existência e que deveria funcionar como uma “memória auxiliar do cientista”. Assim o Memex<sup>5</sup> seria um depósito de todo material referente ao conhecimento produzido pelo homem e que pudesse estar interligado e ser consultado automaticamente. Esta questão será retomada nos anos 60 pelo filósofo e sociólogo estadunidense Theodore Nelson<sup>6</sup>, discípulo de Bush (Landow, 1995), que cunhará o termo hipertexto para referir uma forma própria da informática de escrita/leitura não lineares que seria a base do Xanadu, uma biblioteca onde pudéssemos acessar os clássicos da ciência e da literatura.

Desta forma, tomando uma parte da história da palavra que é mobilizada em muitos trabalhos que se propõem discutir a questão da hipertextualidade, poderíamos destacar duas questões que pensamos pertinentes ao que propomos: 1) a pretensão de reunir *tudo* em *um* único lugar; 2) a necessidade de uma memória que guarde tudo. Estas duas questões movimentam de forma decisiva o sentido do que venha a ser a Internet, entendida como um grande arquivo capaz de armazenar “tudo”, “infinitamente”. Para Paixão (2013):

[...] dizer “os documentos estão ligados entre si” não significa dizer que essas ligações *se totalizem* em nenhum ponto. Não se totalizam: o conjunto de remissões não é definido, de modo que não há uma unidade (nem mesmo uma unidade *lógica*) à qual

podemos denominar “*a web*”. O que temos são documentos *potencialmente* interligáveis por funcionamentos remissivos eletrônicos e *potencialmente* indexáveis por sistemas catalogadores. Assim, a “web” é um funcionamento que possibilita, potencialmente, o acesso e a indexação de textos – mas os textos disseminam-se, na realidade, como uma população difusa, não necessariamente interligada e não necessariamente indexada, de bilhões de documentos. As perguntas sobre “quem organiza a internet”, nesse sentido, talvez não tenham resposta, porque as premissas não estão bem colocadas. A ideia da indexação total, desconfio, liga-se à noção da “internet” como “um lugar”, um lugar imenso, onde “tudo está”. (PAIXÃO, 2013, p. 40)<sup>7</sup>

Deixaremos, no entanto, estas duas hipóteses em suspenso para mais adiante retomá-las.

Esta forma de organização textual deve ser pensada com cuidado quanto à sua originalidade, já que no que diz respeito à remissão a outros textos, pode-se dizer que a hipertextualidade também constitui o texto impresso. De acordo com Braga (2005):

Como indicam Burbules e Callistes (2000)<sup>8</sup>, é importante lembrar que os links eletrônicos (que possibilitam a interatividade constitutiva do hipertexto) geram uma organização textual que não é totalmente nova. A organização estrutural do hipertexto recupera e expande formas de relações inter e intra-textuais já exploradas nos textos impressos, principalmente o de natureza acadêmica. Os recursos de escrita, como por exemplo, as notas de rodapé, as referências feitas a outros textos ou as conexões explicitamente indicadas - que convidam o leitor a adiantar ou voltar atrás na leitura de um texto específico – desempenham uma função próxima daquela a ser preenchida pelos links digitais. (BRAGA, 2005, p. 146)

Neste sentido, o hipertexto ou essa “forma de ampliação textual” pode ser compreendido de uma maneira mais geral, aplicado a outras interfaces, inclusive às impressas. Também poderíamos acrescentar aos exemplos de Braga as enciclopédias e os dicionários que nos encaminham para diferentes lugares dentro das páginas que os delimitam. De acordo com Paixão (2013),

No uso do senso-comum, o termo “hipertexto” acabou ficando muito próximo ao sentido de “texto interligado”; a possibilidade de realizar ligações com outros textos é de fato uma característica marcante do hipertexto, mas também ela está contida na sua propriedade central: a de ser constituído por *uma programação não-representacional intermediária que possibilita diferentes representações finais* para o texto. (PAIXÃO, 2013, p. 25)

Uma característica destas ligações é que elas não se apresentariam de forma linear e é esta qualidade de acesso não linear, variável e, supostamente, relativo à escolha de cada leitor que chamamos de navegação. São considerados “os nós” que constroem o que se chama de hipertexto que seriam, então, textos formados por outros textos. De acordo com Levy (1993):

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequencias sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. ” (LEVY, 1993, p. 33)

No entanto, sob o rótulo de uma suposta desordenação, por conta da não linearidade e dos nós “que podem conter uma rede inteira”, não podemos desconsiderar um certo caráter volitivo na medida em que os *links* estão postos por aqueles que elaboraram o texto ao leitor/navegante; há um autor que se dedicou a construir estes nós. Ou seja, estas redes foram costuradas de forma que o autor “propositadamente apresenta ao leitor, como estratégia de marcar seu próprio percurso enquanto autor, seu estilo, sua história, seu lugar de autoria, e delineando que caminhos o leitor pode perseguir nesta(s) sua(s) leitura(s)” (CAVALVANTE, 2005, p. 163). Vejamos que isso também pode ser tomado pelos *links* do texto impresso. Quando o autor escolhe aquilo que deve o não estar no seu texto na medida em que dispõe determinada informação em notas de rodapés, isto também é uma forma de marcar este lugar de autoria, já que a apontará como algo fundamental ou não à sequência textual.

Ainda sobre a questão da linearidade Braga (2005) nos diz quais seriam as especificidades da chamada hiperleitura já que a leitura do texto impresso não é necessariamente linear. (BRAGA, 2005, p. 147). Desta forma, retomando Lemke (2002)<sup>9</sup> aponta o caráter bidimensional do texto impresso frente as saliências do meio visual (título, parágrafos, fontes) concordando com o autor quando afirma que

o hipertexto difere radicalmente do texto impresso na medida em que oferece ao leitor apenas unidades de informação com possibilidades de trajetória e loops sem que haja um eixo narrativo ou argumentativo que os relacione entre si de forma sequencial (BRAGA, 2005, p. 147)

Talvez esta afirmação seja um lugar interessante de reflexão: poderíamos de fato dizer que não há “eixo narrativo ou argumentativo”? Ou será que é justamente esta possibilidade de escolha que é dada ao leitor/navegador que constrói a narratividade e a argumentatividade? Ainda segundo Braga (2005):

Essa organização textual, não depende de um eixo central que sustenta um conjunto hierarquicamente organizado de informações secundárias, exige que o leitor faça escolhas e também determine tanto a ordem de acesso aos diferentes segmentos disponibilizados no hipertexto, quanto o eixo coesivo que confere um sentido global ao texto lido. (BRAGA, 2005, p. 148)

Apesar da possibilidade da escolha conferida ao leitor/navegante, vejamos que elas são delimitadas pelo autor da página. Assim, a liberdade é apenas um efeito de sentido que recai sobre a ideia de que na Internet há espaço para inserção e acesso de *um tudo* que está ali depositado ao alcance do nosso click! Esta formulação nos faz retomar uma passagem em que Dias (2012) discorre sobre o funcionamento do discurso sobre a tecnologia em que o sujeito individuado (ORLANDI, 2001, 2012) “realimenta o sentido da tecnologia como mola propulsora do mundo, da cultura, do conhecimento, das relações sociais e afetivas” (DIAS, 2012, p. 21). Ainda de acordo com a autora:

[...] os sentidos de onipotência, completude, onipresença dos discursos da tecnologia (o corpo tudo pode, a ciência tudo pode, o sujeito tudo pode), sentidos de uma mente controlada (seja por um chip – ciborgização por estímulos eletrônicos; seja por um discurso – ciborgização por ideologia) (DIAS, 2012, p. 22)

Retomando a questão do suposto domínio que o leitor teria diante dos *links*, Landow (1997)<sup>10</sup> é citado por Primo e Recuero (2006) quando se refere a política dos *links* no que diz respeito ao “acesso e controle do hipertexto”:

Landow entende que a possibilidade de criação coletiva de links é uma questão política. Com isso em mente, em sua discussão sobre a política do acesso, sugere duas perguntas fundamentais: Quem pode criar links? Quem decide para onde os links

apontam? Costuma-se defender que todo internauta tem total liberdade em escolher os caminhos alternativos que mais lhe interessam. Mas, quem determinou quais são os links que serão disponibilizados e para onde apontam? O autor desses apontadores, pois, tem um importante poder sobre a escolha do percurso alheio. Os defensores do impresso, conforme lembra Bolter (2001), vão inclusive apontar que os links dão apenas a ilusão de controle, já que os leitores podem apenas seguir os caminhos prescritos pelos autores. (PRIMO; RECUERO, 2006, p. 03)

Esta questão pode apontar alguns aspectos importantes para pensarmos na forma como fica estabelecida a relação autor/leitor. Este novo espaço de escrita, marcado por um aspecto de espaço-tempo diferente, está relacionado aos materiais impressos que exigem um manuseio físico e mecânico diante de uma nova dimensão de relação com o texto, uma forma de construção guiada pela busca e pelo encontro instantâneo que permite ao internauta uma autonomia muito mais rápida, no movimento de desbravamento do *site*.

[...] el hipertexto proporciona un sistema que puede centrarse una y otra vez y cuyo centro de atención provisional depende del lector, que convierte así en un verdadero lector activo, en un sentido nuevo de la palabra. Una de las características fundamentales del hipertexto es estar compuesto de cuerpos de textos conectados, aunque sin eje primario de organización.[...] El hipertexto se experimenta como un sistema que se puede descentrar y recentrar hasta el infinito, en parte porque transforma cualquier documento que tenga más de un nexo en un centro pasajero, en un directorio con el que orientarse y decidir adónde ir a continuación. (LANDOW, 1995. p. 24)

Se a hipertextualidade se apresenta como uma qualidade não só de interfaces virtuais como as dos *websites*, mas também de interfaces impressas como índices, notas, tesouros, mapas com legendas,



remissões (Levy,1993) o que, então, singulariza o hipertexto neste contexto da Internet, já que esse funcionamento pode ser pensado em outras textualidades, não sendo, portanto, exclusivo, do ciberespaço? Lemke e Braga, como exposto anteriormente, apontam para o aspecto da bidimensionalidade; nos parágrafos anteriores nós chamamos a atenção para o suposto sentido de liberdade e o alcance infinito e totalizador que temos rememorado pela Internet. Levy (1993) responde a esta pergunta pautado nos aspectos da velocidade e da espacialidade, próprios deste espaço de escrita:

O que, então, torna o hipertexto específico quanto a isto? A velocidade, como sempre. A reação ao clique sobre um botão (lugar da tela de onde é possível chamar um outro nó) leva menos de um segundo. A quase instantaneidade da passagem de um nó a outro permite generalizar e utilizar em toda sua extensão o princípio da não-linearidade. Isto se torna a norma, um novo sistema de escrita, uma metamorfose da leitura, batizada de navegação. A pequena característica de interface "velocidade" desvia todo o agenciamento intertextual e documentário para outro domínio de uso, com seus problemas e limites. Por exemplo, nos perdemos muito mais facilmente em um hipertexto do que em uma enciclopédia. A referência espacial e sensório-motora que atua quando seguramos um volume nas mãos não mais ocorre diante da tela, onde somente temos acesso direto a uma pequena superfície vinda de outro espaço, como que suspensa entre dois mundos, sobre a qual é difícil projetar-se. (LEVY, 1993, p. 37)

Assim, as passagens pelos nós de forma quase que instantânea e esta nova espacialidade na relação com a materialidade do texto, segundo Levy, marcariam a diferença entre o impresso e o digital. Para Dias (2004) “o (ciber)espaço está configurado de modo que cada sujeito seja um nó conectado a todos os outros” (DIAS, 2004, p. 31)

Para pensarmos mais especificamente no contraponto entre o texto virtual e o texto impresso, tomemos a formulação de Guimarães

(2002) que corrobora, a partir de um outro lugar teórico, a hipertextualidade impressa pelo funcionamento enunciativo do índice em uma revista:

O índice não é uma mera indicação de onde algo está. **É uma indicação que passa pelo sentido que o acontecimento construiu.**<sup>11</sup> Deste modo o índice é uma **instrução de como interpretar** tanto um modo de chegar à matéria, como a própria construção de algo como notícia, que para ser notícia é constituído por uma temporalidade específica (GUIMARÃES, 2002, p.14)

Neste sentido tanto a hipertextualidade impressa quanto a hipertextualidade do *site* têm esta relação com a produção de sentido de “instrução de como interpretar”. Uma instrução que significa pela forma como as palavras/expressões estão relacionadas na listagem do índice ou na expansão do *hyperlink* e de como são resignificados pelos títulos das matérias; pelos novos *link* e textos que vão sendo encadeados uns aos outros no *site*. Na relação com o *link*, poderíamos dizer que, enquanto o índice nos encaminha para *uma* direção limitada pela extensão do que está escrito *ali*, os *links* nos permitiriam navegar para *uma* direção que por sua vez se expande para *outras* direções. Queremos dizer que o *link* não é somente uma passagem; quando dizemos que ele é marcado por uma palavra estamos necessariamente diante da significação.

## 2. O *link* e a palavra

Pensemos agora na forma de como estes *links* podem ser representados de diversas maneiras: uma palavra ou um texto, sublinhado ou não, imagens, etc. e é neste aspecto que eles nos interessam: há, muitas vezes, uma palavra que o indica/localiza e, neste caso, é esta palavra que guiará a escolha e, conseqüentemente a leitura do internauta.

Um parágrafo pode aparecer ou desaparecer sob uma palavra, três capítulos sob uma palavra do parágrafo, um pequeno ensaio sob uma das palavras destes capítulos, e assim virtualmente sem fim, de fundo falso em fundo falso (LEVY, 1993, p. 41).

Desta forma, a ideia de que o texto no ciberespaço está disposto em forma de camadas pode ser um caminho que nos leva justamente a pensar a enunciação a partir desta textualidade. Ou seja, como se produz a integração dos enunciados nos saltos que damos a cada click para que se tenha o efeito da unidade textual? Como pensar na enunciação relacionada e este ato de descamar um texto a que nos convida o texto no ciberespaço? Há uma questão técnica de constituição dos textos no ciberespaço que pode nos trazer algumas questões:

la característica más curiosa” de la escritura electrónica es que no es “directamente accesible ni al escritor ni al lector. Los bits de texto no están a escala humana. La tecnología electrónica aleja o abstrae del texto al escritor y al lector. Cuando se examina un disco magnético u óptico, no se ve texto alguno... En el medio electrónico, se interponen varias capas de sofisticada tecnología entre el escritor o el lector y el texto codificado. Hay tantos niveles de aplazamientos que el lector o escritor tiene dificultad para identificar el texto: ¿es lo que hay en la pantalla, en la memoria de trabajo o en el disco? <sup>12</sup> (BOLTER, 1991, p. 42-43 *apud* LANDOW, 1995, p. 33)

Primeiramente, com relação a este sentido de autonomia que se coloca na relação do leitor/navegante com o autor e deste sentido de alcance que a Internet teria enquanto *uma* memória de *tudo*, podemos dizer que, enunciativamente, isso pode ter consequências importantes no momento em que pensamos os lugares sociais e de dizer que são agenciados na cena enunciativa. Ao refletir sobre o texto, podemos apreender como o locutor projeta a unidade, sendo que olhar esta

forma específica de organização textual constitui nosso exercício de pensar o texto no ciberespaço.

Consideraremos, assim, que a forma como se constrói um texto, como se dispõem as palavras e enunciados produz sentidos, independentemente da vontade do autor, ou seja, o fato não está em considerar ou não essa vontade, mas compreender que o sentido é independente disto. Assim a questão de uma maior/menor autonomia do leitor/navegador diante do texto na Internet, como se este tivesse mais/menos controle sobre o texto que o autor, será entendido por nós como um dos sentidos que se produz diante da forma como acessamos o texto neste espaço.

### 3. Texto e enunciação

Buscaremos pensar na questão da significação considerando três elementos indissociáveis: a palavra, o enunciado e o texto. Esta relação é tratada por Guimarães (2011) enquanto uma relação integrativa, o que caracteriza o texto não enquanto segmentos dispostos de forma a constituir um todo, “mas como integrado por elementos linguísticos de diferentes níveis e que significam em virtude de integrarem esta unidade” (GUIMARÃES, 2011, p. 22). Assim, “um texto integra enunciados, um texto não é composto de enunciados, e muito menos um texto não é um conjunto de enunciados existentes antes a ali reunidos” (GUIMARÃES, 2011, p. 22). Esta consideração torna-se bastante importante na medida em que propomos uma análise semântica, o que por vezes poderia significar uma certa limitação, na medida em que haveria um nível máximo de alcance que se restringiria ao trabalho com o enunciado. Desta forma, mesmo separando didaticamente as sequências textuais para realização de nossas análises, estaremos buscando sempre articular esta relação integrativa, no movimento de pensar o sentido da palavra enunciada na relação com o texto que integra.

Sobre o efeito de unicidade e finitude do texto, de acordo com Guimarães (2011), este é posto pela relação que se coloca, pelo agenciamento enunciativo, entre o locutor-x (lugar social) e o texto que L<sup>13</sup> enuncia como fonte do dizer. Desta forma:

[...] o texto é uma unidade de sentido de ser algo finito e que se caracteriza por integrar, no sentido acima definido, enunciados. Ou seja, o texto se caracteriza por ter uma relação com outras unidades de linguagem, os enunciados, que são enunciados e que significam em virtude desta relação. O texto é, nesta medida, uma unidade que se apresenta entre outras da mesma natureza. No entanto o texto não tem unidade, se esta palavra significa qualidade do que é uno, do que é homogêneo. O texto é uma unidade (termo-1), mas não tem unidade (termo-2), não é uno. (GUIMARÃES, 2011, p. 21).

Ainda neste mesmo trabalho, o autor coloca um questionamento que pode nos ajudar a pensar no texto na Internet. Citando um trabalho de (1995)<sup>14</sup>, o autor traz a seguinte questão: “na memória de um computador, o que é um texto? Faz sentido a noção de texto neste caso? O modo de entrar na memória informática independe do começo e fim destas sequências tomadas como texto”. Valendo-nos deste questionamento: na Internet, o que é um texto?

Vejamus que nossa forma de conceituar o que é um texto e a questão de sua unidade como um “efeito”, corrobora a hipótese lançada de que há um sentido contrário à unidade, vinculado ao texto na Internet, mas que da mesma forma é decorrente deste efeito de sentido. Dissemos que há uma forma de pensar no texto na Internet por certo caráter infinito, por uma “infinitude”, decorrente da virtualidade do digital que faz funcionar um sentido de acesso total e pleno a toda informação: sempre pode haver um *link* que nos levará a outro *link* e assim por diante. A possibilidade de desvendar as camadas sobrepostas sempre está posta como uma possibilidade, neste depósito sem fim de toda e qualquer informação, ligadas pelos *links*. O *link* aparece, assim, como uma riqueza, uma plenitude, escondida por trás de uma limitação já que ele te *encaminha* e não te liberta; fecha em vez de abrir: uma multiplicidade de escolhas limitadas (são aquelas e não outras). Toda *linkagem* tem uma dispersão por um lado e um fechamento por outro; é um lugar de

direcionamento, de orientação. Este caminho é apresentado pelo texto no ciberespaço.

Há uma questão instrumental que instaura uma diferença entre o texto impresso e o digital que incide no *ler*, na relação autor/leitor. Mesmo afirmando que há hipertextualidade nestes dois espaços, vimos que o espaço-tempo do ciberespaço faz funcionar diferentes memoráveis sobre o que entendemos do texto impresso e do digital. Haveria, assim, um memorável em torno da Internet que recairia quando pensamos sobre o texto na Internet: uma abertura para tudo! O texto impresso, por mais remissões que apresente está marcado por uma finitude constitutiva atrelado à sua materialidade, pelas páginas que o delimitam; o texto digital tem suas fronteiras borradas pela latência da possibilidade de abrirmos sempre uma nova camada.

#### 4. O texto e o esquema de *linkagem*

Daremos, neste momento, um maior foco ao que estamos chamando de “esquema de *linkagem*” que nos permite navegar pelo *site*. Os *links*, como já dissemos, são ligações que os *sites* apresentam entre dois textos diferentes, presentes ou não na mesma página/endereço. Marcados por palavras ou expressões, vão apresentando de maneira resumida o conteúdo presente na próxima página/texto a ser acessada (o). Desta forma, vai construindo uma relação entre os conteúdos pela ligação de uma palavra/expressão com outra como uma espécie de teia; como uma rede; o hipertexto.

Uma questão importante para pensarmos é de como o *link*, representado por uma palavra/expressão, significa uma relação de exclusão na relação com o *link* ao qual determinado conteúdo não pertence. Por exemplo, se acessarmos um *site* na Internet que fale sobre biologia, poderíamos encontrar *links* para outras páginas/textos apresentados pelas expressões: *Reino Monera*, *Reino Protista*, *Reino Fungi*, por exemplo. O conteúdo que encontraremos no *link Reino Monera* já está significado como algo fora de *Reino Protista*, por exemplo, e esta exclusão já significa este conteúdo.

Esta questão está relacionada ao que dissemos sobre este suposto efeito de liberdade ao acessar que marca também os sentidos das

palavras. Se considerarmos que há uma relação de integração entre os elementos textuais, podemos dizer que as possibilidades de acesso vão delineando esta integração e, necessariamente, fazendo funcionar o sentido de uma determinada forma: pelo clique diante *daquelas* e não de *quaisquer* opções. Nossa questão, portanto, não se coloca na direção de uma onomasiologia que pretenda compreender a adequação da palavra/expressão que marca o *link* ao que representa e /ou se o faz de uma maneira adequada. Pretendemos trabalhar com o intuito de analisar como os sentidos são movimentados pelas relações que se colocam entre as palavras no acontecimento.

Teríamos, dentro do que estamos entendendo como *links*, dois funcionamentos específicos:

a. O *Link* que leva a outro texto.

Na imagem quando clico em “*Las lenguas y la educación inclusiva*”, apresenta-se um texto explicativo



Figura 1: Exemplo de esquema de *linkagem* (*link* – texto)<sup>15</sup>

b. O *Link* que me leva a outro *link*, os *sublinks*

Neste caso, observamos na imagem o *link* *educación* que apresenta uma lista de outros *links* (*elementos indispensables para la educación*;

creación de sistemas educativos, etc) que também elencam mais sublinks (alfabetización, educación de adultos, formación de docentes, etc.)



Figura 2: Exemplo de esquema de *linkagem* (link – sublink)

O primeiro apresenta um funcionamento muito próximo ao do índice; já o segundo nos leva a pensar em uma possível enumeração<sup>16</sup>. Assim, para pensar na questão dos *links*, parece relevante considerar três aspectos de sua organização:

1. A divisão (de sentidos) posta pelos *links* dispostos na página;
2. A relação entre os *links* atrelados a um mesmo tema: os *sublinks*;
3. A questão do *link* enquanto um título de um determinado texto.

## 5. Os *links* e a enumeração

Pensaremos, agora, na questão dos *links* a partir da forma como Guimarães (2009a) considera a enumeração<sup>17</sup>. A enumeração seria um dos efeitos da reescrituração e coloca também, em seu funcionamento, a relação de articulação. Neste sentido pensar na enumeração nos



permite trabalhar a produção dos sentidos, observando os dois procedimentos enunciativos específicos: a reescrituração e a articulação. A reescrituração de uma palavra relaciona-se a sua “reaparição” no texto que pode se dar por sua repetição, substituição, elipse, expansão, condensação ou por sua definição. Esta repetição “envolve sempre um diferente que se dá no acontecimento enunciativo” (GUIMARÃES, 2009a:54). A reescrituração pode produzir sinónimas, especificações, desenvolvimento, generalização, totalização, enumeração e definição. É importante dizer que os sentidos decorrentes dos procedimentos anteriormente descritos não estão na língua enquanto sistema; estão no acontecimento. Também temos em torno da enumeração a relação de articulação que seria “uma relação de contiguidade significada pela enunciação” (GUIMARÃES, 2009a:51); juntas, a articulação e a reescrituração “se movimentam na produção de sentidos na enunciação” (GUIMARÃES, 2009a:58). Desta forma, se considerarmos que os *links* vão construindo enumerações, podemos tratá-lo pela forma como reescrevem o “tema”, ou seja, o enumerado, e considerar como funcionam as articulações nestes processos de reescritura. Outro aspecto da enumeração é que ela não é uma mera apresentação das partes de um todo e está marcada pelos deslizamentos próprios da presença do Locutor na Enunciação. (GUIMARÃES, 2009a). Tomando a enumeração, portanto, para pensarmos no funcionamento dos *links*, vejamos um aspecto importante apontado por Guimarães:

[...] a articulação predicativa, ao apresentar uma enumeração, projeta esta enumeração obre o termo que predica, e acaba assim significando uma reescrituração do termo predicado. Isso nos dá uma dimensão importante da enumeração: ela é uma articulação coordenada que pode ser uma reescrituração que expande (ou condensa) um termo presente ou não, algo enunciado como “um todo”. (GUIMARÃES, 2009<sup>a</sup>, p. 59)

Para melhor expor nossa proposta apresentamos um pequeno trecho de uma das análises que realizamos em Reis (2015), em que

trabalhamos em torno da designação da palavra língua em um corpus composto de textos retirados do site da UNESCO.

Temos dentro dos temas, apontados pela UNESCO enquanto pertinentes ao seu trabalho está a questão da cultura, palavra que marca o *link* que nos leva as seguintes divisões:

- *Cultura y desarrollo*
- *Patrimonio Mundial*
- *Patrimonio Inmaterial*
- *Conflicto armado y patrimonio*
- *Tráfico ilícito e restitución*
- *Patrimonio Cultural Subacuático*
- *Patrimonio mueble y museos*
- ***Lenguas en peligro***
- *Creatividad*
- *Diálogo*
- *Acción normativa*
- *Situaciones de emergencia.*



Figura 3 - *Sublinks* de Cultura

Assim, em Reis (2015) dissemos:

[...] a partir de uma observação mais livre, de acordo com a forma como está posta a lista de temas nos quais o conteúdo *cultura* se desdobra, que este tema está relacionado aos problemas patrimoniais e a uma postura de policiamento com relação à manutenção cultural no mundo. Sobre a listagem de temas apresentada pelo *link cultura*, é importante dizer que não será tratada por nós enquanto uma enumeração de *cultura*, como poderia parecer em um olhar menos atento. Expressões como *lenguas en peligro*, *situaciones de emergencia*, não enumeram *cultura*, mas compõem uma série de questões que poderíamos chamar de *problemas da cultura*. Deste modo, diremos que o *link cultura* é uma reescrituração por condensação de algo como *problemas da cultura*. Este é um detalhe de grande relevância sobre o funcionamento da enumeração que deve, antes de qualquer coisa, ser tomado no acontecimento e não somente pela estrutura textual. Nem sempre o enumerado está materializado; em nossas análises veremos que ele aparece condensado pela palavra que nomeia o *link*. (REIS, 2015, p. 131)

### Considerações finais

Neste artigo procuramos apresentar uma revisão bibliográfica que nos permitisse pensar sobre a problemática do texto no ciberespaço e que nos levasse a compreender as noções de link, hiperlink e hipertexto. O recorte de algumas formulações nos levou a elaborar uma forma de tratar desta questão de forma enunciativa, especificando nossa compreensão do que seja um texto e de como ele funciona na Internet, considerada por nós como um *espaço de enunciação*. O que se sobressai de maneira mais contundente e que corrobora toda a discussão apresentada é a articulação produzida em torno do esquema de *linkagem* à nossa forma de pensar o funcionamento textual via Semântica do Acontecimento.

Desta forma, o *link* será tratado a partir da forma como entendemos a enumeração. Outro ponto importante é que “o enumerado atribui sentido aos enumeradores”. Isso leva a considerar de que forma o enumerador atribui sentido aos enumerados. Pela forma como se constrói o *site* também temos outra questão pertinente de se observar: de que forma o enumerador transita para enumerado no caso dos sublinks. Ou ainda se a forma como estão listadas as palavras, o que caracterizaria na materialidade uma forma de enumerar, trata-se, de fato, de uma enumeração a partir do acontecimento, já que não basta olharmos a disposição dos elementos textuais; há que se apreender os sentidos postos no acontecimento. Assim, o *link*, ao abrir caminhos, é pensado enunciativamente em sua relação de enumerar elementos.

### Referências Bibliográficas

- BRAGA, D. B. (2005) A Comunicação Interativa em Ambiente Hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antonio C. *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucena.
- CAVALCANTE, M. C. (2004) Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antonio C. *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucena.
- CRUZ, C. H. B. (2015) Vannevar Bush: uma apresentação. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 11-13, Mar. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141547142011000100001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141547142011000100001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 jun. 2015.
- DIAS, C. P. (2004) *A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo HIV*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- DIAS, C. P. (2012). Movimento da Cibernética, saberes linguísticos e constituição do sujeito. In: Ferreira; Martins. (org). *Linguagem e tecnologia*. RG, Editores: Campinas.
- GUIMARÃES, E. (1995). Texto e Enunciação. *Organon*, 23:63-68. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS.

- \_\_\_\_\_. (2002) *Semântica do acontecimento*. 2. ed. Campinas: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (1987/2007a) *Texto e Argumentação: um Estudo de Conjunções do Português*. 4. ed. Campinas: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (2007b). “Domínio Semântico e Determinação”. In: *A Palavra: Forma e Sentido*. Campinas: Pontes, p. 77-96.
- \_\_\_\_\_. (2009a). “A Enumeração: Funcionamento Enunciativo e Sentido”. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.51, jan./jun. 2009, p. 48-68.
- \_\_\_\_\_. (2011) *Análise de Texto*. Procedimentos, Análises, Ensino. Campinas: Pontes.
- LANDOW, G. P. (1995) *Hipertexto: La Convergencia de la Teoría Crítica Contemporánea y la Tecnología*. Tradução de Patrick Ducher. Barcelona: Ediciones Paidós.
- LÉVY, P. (1993). *As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- PAIXÃO DE SOUSA, M. C. (2013) Texto digital: uma perspectiva material. *Revista Anpoll*, América do Norte, 17 12 2013.
- PRIMO, A.; RECUERO, R. (2006). A terceira geração da hipertextualidade: cooperação e conflito na escrita coletiva de hipertextos com links multidirecionais. *Líbero (FACASPER)*, v. IX, p. 83-93.
- REIS, C. F. (2015). *A designação de língua: sentido, argumentação e o texto no ciberespaço*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BOLTER, J. D. (1991). *Writing Space. The Computer, Hypertext, and the History of Writing*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates.
- BURBULES, Nicholas C. e CALLISTER, Thomas A. Jr. (2000) *Hypertext: Knowledge at the crossroads*. In *Watch It: The Risks and Promises of Information Technologies for Education*. Boulder, Colorado: Westview Press.
- BUSH, V. As we may think. *Atlantic Monthly*, v.176, 1, p.101-108, 1945. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/303881/>. Acesso em: 13/07/2015.

LANDOW, G. P. (1997). *Hypertext 2.0: The convergence of contemporary critical theory and technology*. Baltimore: Johns Hopkins University.

STAHLHAUER, A. S. (2014) *A representação das línguas no ciberespaço: um funcionamento enunciativo na contemporaneidade*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de São Carlos, 2014. (*no prelo*)

**Palavras-chave:** enunciação; ciberespaço; texto.

**Keywords:** enunciation, cyberspace, text.

## Notas

---

\* Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

<sup>1</sup> Este artigo corresponde a uma versão adaptada do capítulo 5 da tese “A designação de língua: sentido, argumentação e o texto no ciberespaço” defendida em 2015 pelo programa de pós-graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, com financiamento da CAPES.

<sup>2</sup> Esta é uma questão muito recorrente em autores como Pierre Levy, George Landow, Roger Chartier, que aparecem como referência em trabalhos que se debruçam sobre esta temática. No Brasil poderíamos apontar um interesse por parte daqueles que discutem os gêneros textuais e o letramento digital como os trabalhos de Denise Braga, Luiz Antônio Marcuschi, Antônio Carlos Xavier e Nicholas Negroponte, para citarmos apenas alguns nomes. Apesar dos distanciamentos teóricos, pareceu-nos oportuno tomar algumas formulações que julgamos ser possíveis de corroborar e outras cuja crítica nos permite um melhor deslocamento teórico.

<sup>3</sup> Há muitas formas de apresentar um *website* no que diz respeito ao seu *layout*, mas em geral os *links* são parte essencial para sua configuração.

<sup>4</sup> BUSH, V. As we may think. *Atlantic Monthly*, v.176, 1, p.101-108, 1945. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/303881/>. Acesso em: 13/07/2015.

<sup>5</sup> Para maiores detalhes sobre o funcionamento do Memex, ver Landow 1995.

<sup>6</sup> “Theodor Holm Nelson, mais conhecido como Ted Nelson, nasceu em 1937 e é um Sociólogo e Filósofo americano, pioneiro na Tecnologia da Informação. Ele é o criador dos tão famosos termos *hipertexto* e *hipermídia*. [...] também foi o fundador de um projeto importantíssimo e visionário em 1960, o Projeto Xanadu, o qual possuía o objetivo de criar uma rede de computadores de interface simples para seus usuários. Seu esforço está documentado em dois de seus livros, um deles chamado de *Computer Lib/Dream Machines*, lançado em 1964, e o outro chamado de *Literary*

*Machines*, lançado em 1981. [...] Grande parte de sua vida adulta tem sido em favor do trabalho e promoção deste tão fabuloso projeto”. (Disponível em: <https://tecnologiaabrasileira.wordpress.com/tag/hipertexto-hipermidia-virtualidade-ted-nelson/>)

<sup>7</sup> Em seu artigo Paixão ainda no diz que “Para funcionar dinamicamente, é preciso que as programações para a representação do hipertexto sigam protocolos compartilhados de codificação. Foi o desenvolvimento de protocolos nesse sentido que finalmente permitiu a implementação mundial de uma rede de textos interligados a partir dos anos 1990, trinta anos depois da ideia lançada por T.H. Nelson; em especial, essa popularização se deu com a adoção generalizada da convenção de codificação de textos conhecida como “*Hypertext Markup Language*”, HTML, proposta em 1989 a partir do padrão mais técnico, anterior, o SGML “*Standard Generalized Markup Language*” (W3C, 2013d)” (PAIXÃO, 2013:26)

<sup>8</sup> BURBULES, Nicholas C. e CALLISTER, Thomas A. Jr. (2000) *Hypertext: Knowledge at the crossroads*. In *Watch It: The Risks and Promises of Information Technologies for Education*. Boulder, Colorado: Westview Press

<sup>9</sup> LEMKE (2002). *Travels in Hypermodality*. *Visual Communication*, London, v. 1, n. 3, p. 299-325, 2002.

<sup>10</sup> LANDOW, George P. *Hypertext 2.0: The convergence of contemporary critical theory and technology*. Baltimore: Johns Hopkins University, 1997. O professor George Landow, leciona Inglês e História da Arte na Universidade de Brown; é crítico y teórico da chamada literatura electrónica e é recorrente a referência aos seus trabalhos quando o assunto é hipertexto. Dentro de sua vasta bibliografia poderíamos destacar *Hipermedia y estudios literarios (1991)*; *La palabra digital: la computación basada en textos en las Humanidades (1993)*; *Hipertexto: la convergencia de la teoría crítica contemporánea y la Tecnología (Barcelona: Paidós, 1995)*; *Hyper/Text/Theory*. (1994). (Informações disponíveis em <http://www.victorianweb.org/espanol/misc/gpl.html>)

<sup>11</sup> Grifos nossos.

<sup>12</sup> BOLTER, J. D. 1991. *Writing Space. The Computer, Hypertext, and the History of Writing*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates.

<sup>13</sup> Falamos de forma mais detalhada sobre os locutores no próximo capítulo. No entanto, poderíamos adiantar que o locutor L representa a fonte do dizer; já o locutor-x nos diz o lugar de dizer.

<sup>14</sup> GUIMARÃES, E. (1995). *Texto e Enunciação*. *Organon*, 23:63-68. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS.

<sup>15</sup> As imagens que tomamos como exemplos (figuras 1 e 2) foram retiradas dos site da UNESCO ([www.unesco.org](http://www.unesco.org)) e foram apresentados no capítulo de análise da tese “A designação de língua: sentido, argumentação e o texto no ciberespaço” Reis (2015)

<sup>16</sup> Já trataremos nas páginas que seguem o funcionamento da enumeração.

---

<sup>17</sup> STAHLHAUER (2014) propõe uma discussão muito pertinente sobre a textualidade na Internet que complementa e corrobora muitas das questões apresentadas neste capítulo.

Recebido em: novembro/2015

Aceito em: dezembro/2015